
Licenciatura Plena em Pedagogia

Giovanna Guarache de Miranda

**Vozes que educam: A linguagem do professor na
Educação Infantil**



Rio Claro
2021

Giovanna Guarache de Miranda

Vozes que educam: A linguagem do professor na Educação Infantil

Orientador: Maria Antonia Ramos de Azevedo

Coorientador: Ligia Bueno Zangali Carrasco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia

Rio Claro
2021

M672v Miranda, Giovanna Guarache de
Vozes que educam: a linguagem do professor na educação infantil / Giovanna Guarache de Miranda. -- Rio Claro, 2021
41 f. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Biociências, Rio Claro
Orientadora: Maria Antonia Ramos de Azevedo
Coorientadora: Ligia Bueno Zangali Carrasco

1. Educação. 2. Linguagem e educação. 3. Autonomia nas
crianças. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Carlos e Angélica, que sempre me incentivaram e que me apoiaram incondicionalmente. Sem vocês não chegaria até aqui, minha eterna gratidão, amo vocês.

Ao meu irmão Dudu, que hoje é um homem adulto, mas no meu coração sempre será meu irmãozinho. E se eu consegui, você também consegue! Amo você.

Ao meu amor, que me visitava em Rio Claro na faculdade e hoje está ao meu lado na nossa casa vendo eu finalizar este trabalho. Murilo, eu te amo.

À minha orientadora, Professora Maria Antônia, e coorientadora, Professora Lígia, não tenho palavras para agradece-las por todo o apoio que me ofereceram. Vocês são seres humanos iluminados, e merecem todo o meu reconhecimento.

E, acima de tudo, agradeço à Deus por me fazer perfeita, com saúde e inteligência para realizar este trabalho. Obrigada Deus por todas as conquistas que o Senhor me presentou até aqui.

RESUMO

Considerando o atual cenário educacional marcado por lutas e conquistas de uma educação para todos os cidadãos brasileiros, acreditamos que seja necessária uma abordagem sensível, por parte daqueles que serão responsáveis pelo primeiro contato da criança com a educação formal, que normalmente se inicia na educação infantil. Para este estudo nossa proposta é de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uma investigação bibliográfica a partir de artigos que evidenciam estudos que caracterizem a importância da linguagem do educador e a influência dela no percurso formativo de indivíduos. Teve como objetivos: a) Compreender por meio da linguagem do professor a influência e impacto que esta, sendo negativa ou positiva, tem na vida da criança; b) Caracterizar a linguagem negativa e positiva no discurso do professor e, c) Verificar formas de utilizar a linguagem para construir uma relação de respeito, valorização e confiança entre docente e discente. A partir dos estudos encontrados, por meio da Análise de Conteúdo, pudemos reforçar a ideia de nossa hipótese de que a linguagem do professor é fundamental para construir na escola um clima favorável ao desenvolvimento pleno da criança.

Palavras-Chave: Linguagem do Professor. Educação infantil. Autonomia Moral.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos acadêmicos levantados a partir da pesquisa	25
Quadro 2 – Artigos analisados para realização do trabalho	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A CRIANÇA, A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEU DESENVOLVIMENTO	10
2.1 Compreendendo a infância: O desenvolvimento infantil.....	12
2.2 O desenvolvimento moral da criança.....	14
3 OS IMPACTOS DA LINGUAGEM DO PROFESSOR NA VIDA DA CRIANÇA	19
3.1 A linguagem do professor na sala de aula	21
4 METODOLOGIA.....	24
5 ANÁLISE DE DADOS	31
5.1 O impacto da linguagem do professor na vida da criança	33
5.2 A construção de uma linguagem assertiva por parte do professor que englobe o respeito, a confiança e valorização na relação professor-aluno	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste trabalho nasce do sentimento de uma educação infantil edificante e significativa para a criança. Nos perguntamos então como a forma com que o professor se comunica com as crianças pode fazer com que se sinta valorizada, capaz e respeitada? Como essa linguagem auxilia no desenvolvimento pleno da criança nesse período de sua vida? Essas inquietações fizeram nascer o desejo de aprofundamento do tema.

Por meio de uma pesquisa realizada com professoras, Vinha (2000) constatou a seguinte situação

[...] Depois de tê-las feito perceber como a maneira que as coisas são ditas influenciam nossos sentimentos, algumas professoras contaram fatos que ilustraram o poder das palavras e analisamos as reações que o receptor teve após algo ter sido dito no exemplo apresentado. Refletimos na força da linguagem do educador, observando que dependendo da forma que é utilizada, as palavras, podem ser, muitas vezes, nocivas ao outro. Nós procuramos mostrar que o adulto pode tentar evitar esses sentimentos nocivos como reação ao que disse, mesmo porque não houve a intenção de provocá-los (porém, apenas boas intenções não são suficientes), valendo se, para isso, da linguagem descritiva, isto é, uma linguagem que descreve, mas não emite julgamentos (VINHA, 2000, p. 265).

A autora deixa clara a relevância de um discurso descritivo, isento de julgamento de valor. É comum que com o stress e pressão do cotidiano os professores sintam-se acuados e, por meio da fala, se utilizem de artifícios muitas vezes sem filtro, para produzir uma linguagem que pode afetar de maneira negativa a vida do educando. De acordo com Vinha

[...] com a linguagem descritiva a pessoa sente-se compreendida. Com o tempo, as professoras que estudavam uma nova maneira mais construtiva de se comunicar, utilizavam esse tipo de linguagem não apenas em suas classes, mas também em seus relacionamentos com os filhos, maridos etc. (VINHA, 2000, p. 266).

Ressalto que este estudo teve como ponto de partida a minha experiência durante a formação acadêmica, em que tive a oportunidade de estagiar na Educação Infantil. Iniciei minha experiência no Maternal. Nesta fase, tive um contato de sucesso com as crianças, pois elas entendiam as falas e as ações que lhes eram dirigidas, mas ao mesmo tempo, por serem tão pequenas, exigiam de nós uma especificidade ao nos dirigirmos a elas.

No ano seguinte trabalhei no berçário, sendo esta uma das fases que considerei mais prazerosa de acompanhar e poder contribuir no desenvolvimento dos bebês. Era satisfatório para mim poder ensinar uma música nova, e eles, mesmo sem saberem falar, se expressarem por meio de gestos e sorrisos, conhecendo as letras das canções e cantando juntamente conosco. Cada momento com um bebê, é um momento de aprendizado. Observei isto, enquanto eu conversava com alguns durante a troca de fralda e sentia o quanto eles estavam atentos ao que eu dizia, e como gostavam de me ouvir.

Trabalhei posteriormente com as crianças maiores da Educação Infantil, em que alguns alunos estavam começando o processo de alfabetização. Esta fase, me despertou outros sentimentos e percepções, pois notei determinada astúcia em algumas crianças.

Com estas experiências, pude observar que estar inserida por meio dos estágios nas etapas da educação básica, permitiu com que eu pudesse refletir e ressignificar práticas do meu cotidiano e notar a linguagem que cada professor possuía em seu trabalho, observando as diferenças e percebendo como as falas contribuem – ou não – para a formação integral da criança e isto me despertou o desejo de compreender melhor o tema.

Assim, fui em busca de pressupostos teóricos que tratassem desta linguagem do educador, e de pesquisas que analisassem esta questão, especificamente na educação infantil para verificar a contundência deste aspecto nesta fase da Educação Básica tão fundamental e, que tem como um dos seus princípios, promover o desenvolvimento integral da criança.

O propósito deste estudo foi procurar compreender a linguagem do docente que influencia no desenvolvimento social e moral da criança na educação infantil. A partir dessa compreensão, caracterizar os elementos negativos e positivos em seu discurso para o desenvolvimento do educando; compreender por meio da linguagem do professor a influência e impacto que esta, sendo negativa ou positiva, tem na vida da criança; e verificar formas de utilizar a linguagem para construir uma relação de respeito, valorização e confiança entre docente e discente.

Ao realizar uma pesquisa bibliográfica, tive a oportunidade de realizar levantamentos bibliográficos, explorar artigos, dissertações e livros que abordam o tema apresentado e, por meio da análise de conteúdo, objetivar uma melhor

sistematização de toda produção científica disponível acerca do assunto e chegar às respostas buscadas.

2 A CRIANÇA, A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEU DESENVOLVIMENTO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, deixa de ter um viés assistencialista e passa a ser um direito social da criança na Constituição de 1988. Nessa direção, a partir da conquista desse direito, a Educação Infantil passou a se estruturar de forma a fazer um atendimento que atendesse às necessidades globais do aluno. A criança, por essa nova perspectiva é vista como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

O lugar onde estas interações são construídas, de forma a serem trabalhados diversos aspectos da criança, é o ambiente escolar. E, por vezes, as relações entre professor e o aluno que, desde muito pequeno, necessita de compreensão e empatia. Para Vinha (2000), um estudante para ser compreendido dentro da sala de aula pelo seu educador, necessita de uma linguagem que se compreende além do afeto e se dá na forma com a qual o docente se dirige ao discente, buscando compreendê-lo em seus sentimentos, sem julgamentos e avaliações.

Apenas o amor não é o suficiente, não basta. As palavras que usamos fazem a diferença. Uma coisa é o que está se querendo dizer, e outra é o que o receptor compreende. São dois elementos distintos. A maneira como nos dirigimos às pessoas causa impressões em suas emoções e faz diferença em seus sentimentos. O professor deve valer-se aos diálogos adequados. A linguagem do educador não deve avaliar (VINHA, 2000, p. 2).

Sendo a criança um indivíduo singular, que tem características históricas, sociais e culturais únicas, é fundamental pensar em seu desenvolvimento integral e saber que este deve ser garantido pela escola. Dessa forma se faz essencial pensar no ambiente em que esse desenvolvimento aconteça da forma mais integral possível, entendendo que os professores são os desencadeadores e mediadores do processo.

A escola, com o passar do tempo, passou por transformações, especialmente na Educação Infantil. Com o aumento da industrialização, as mulheres passaram a fazer parte integrante do mundo do trabalho, o que ocasionou na necessidade de terem onde deixar seus filhos. A ideia era de um espaço que suprisse a ausência da família, assim, os locais que atendiam às crianças tinham como pressuposto atender às necessidades físicas e emocionais dessas crianças, o que caracterizava a escola como um espaço de cunho única e exclusivamente assistencialista.

Essa perspectiva perdurou por muito tempo. No Brasil, especificamente, essa ideia se manteve até a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que coloca a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica. Neste momento foi estabelecido que a educação para a infância deveria ter como mote a perspectiva do educar e do cuidar. Só a partir disso que o olhar para as escolas de educação infantil foi sendo modificado e reestruturado.

No Brasil, as legislações foram avançando no sentido de compreenderem o desenvolvimento da criança pequena e as melhores formas de trabalho para que este ocorra de maneira integral e integradora. Logo após a LDB/1996 surgiram os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) e, em 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), após larga discussão e participação de entidades acadêmicas e sociedade civil. Em 2017, temos a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, a partir das DCNEI, ampliam os encaminhamentos de trabalho junto à esta etapa de ensino.

As Diretrizes Nacionais conceituam a educação infantil como sendo

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2010, p. 12).

A educação infantil atende às crianças de 0 a 5 anos, sendo a Etapa I (de 0 a 3 anos) e a Etapa II (4 e 5 anos). No ano de 2013, a Educação Básica tornou-se obrigatória a partir dos 4 anos de idade, buscando-se a universalização do ensino, além da ampliação do acesso às crianças de 0 a 3 anos.

Tanto as DCNEI como a BNCC determinam que a educação brasileira se baliza em três princípios: éticos, políticos e estéticos. Os princípios éticos preveem “da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades” (BRASIL, 2010, p. 16).

Na BNCC, a perspectiva de uma educação voltada à infância é ampliada. Reforça em seu texto a concepção do educar e do cuidar como elementos focais do processo, além de apresentar eixos estruturantes das práticas pedagógicas que são as interações e a brincadeira.

Além desses elementos, a BNCC apresenta 6 Direitos de Aprendizagem que devem ser observados pelas escolas e por todos seus profissionais: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se.

2.1 Compreendendo a Infância: O Desenvolvimento Infantil

A infância nem sempre foi compreendida como hoje. Por muito tempo a criança foi vista como uma miniatura de adulto e a ela eram impostas situações de vida que nada tinham a ver com aquilo que necessitavam para se desenvolverem de forma saudável.

É possível afirmar que houve grande avanço na forma de ver e tratar a criança, mas ainda há muito a caminhar. Nas relações que se estabelecem com a criança, ainda hoje, notamos que algumas questões ainda não foram superadas, como o respeito mútuo. Especialmente na escola, o respeito unilateral ainda predomina na relação e isso impede um olhar mais atento do professor sobre sua linguagem ao se dirigir às crianças.

Este trabalho se dedicará primordialmente em investigar a relação professor-aluno estabelecida em sala de aula, especialmente por meio da linguagem que se impõe por parte do adulto. Nossa base teórica será o construtivismo de Piaget, pois acreditamos que o desenvolvimento moral da criança é tão importante quanto o desenvolvimento cognitivo, social, físico, enfim, de todos os aspectos que compõem este ser.

Para tanto, primordial resgatarmos a compreensão de Piaget sobre o desenvolvimento infantil e sobre o desenvolvimento moral na criança.

Ferracioli (1999) explica que para Piaget o desenvolvimento mental do indivíduo é “um processo contínuo de construção de estruturas variáveis, que, ao lado de características que são constantes e comuns a todas as idades, refletem o seu grau de desenvolvimento intelectual” (FERRACIOLI, 1999, p. 7). Esclarece que, para Piaget (1967), as atividades mentais são organizadas em estruturas variáveis que integram os aspectos motor, intelectual e afetivo. Este desenvolvimento ocorre tanto na dimensão individual como na social.

[...] a cada explicação particular para um certo interesse, há uma integração com a estrutura existente, que, em um primeiro momento, é reconstruída e, em seguida, ultrapassada para uma dimensão mais ampla, acarretando o desenvolvimento mental. Então, a partir da integração de sucessivas

estruturas, na perspectiva de que cada uma conduz à construção da seguinte, Piaget dividiu esse desenvolvimento em grandes estádios ou períodos (FERRACIOLI, 1999, p. 7).

Os estágios do desenvolvimento para Piaget são: sensório-motor (até 2 anos); pré-operatório (dos 2 aos 7 anos); operatório concreto (dos 7 aos 12 anos) e operatório formal (a partir dos 12 anos).

Ferracioli (1999) evidencia que “cada estágio se caracteriza pelo surgimento de estruturas originais que diferem das estruturas anteriores pela natureza de suas coordenações e pela extensão do campo de aplicação” (FERRACIOLI, 1999, p. 8).

O autor especifica que o estágio sensório-motor pode também ser chamado de pré-verbal e se caracteriza pela coordenação e integração das informações por meio dos sentidos.

No estágio pré-operatório Ferracioli (1999) explica que surge na criança o que Piaget denomina de

[...] função simbólica, que consiste no poder de representação de objetos ou acontecimentos, tornando possível, por exemplo, a aquisição da linguagem ou de símbolos coletivos. A partir daí, há o desenvolvimento de um pensamento simbólico e pré-conceitual e, em seguida, do pensamento intuitivo, que, em progressivas articulações, conduzem ao limiar das operações. As operações são ações internalizadas, ou seja, uma ação executada em pensamento sobre objetos simbólicos, seja pela representação de seu possível acontecimento e de sua aplicação a objetos reais evocados por imagens mentais, seja por aplicação direta a sistemas simbólicos (FERRACIOLI, 1999, p. 8).

Para esta pesquisa, esses dois primeiros serão os estágios de foco da nossa reflexão.

No período das operações concretas o que fica evidenciado é o desenvolvimento das estruturas mentais de classificação, ordenamento, correspondência, sendo possível observar também o surgimento das noções de tempo, causalidade, conservação, entre outras. O pensamento, porém, ainda “se prende às experiências concretas, não envolvendo operações de lógica de proposições” (FERRACIOLI, 1999, p. 9), ou seja, ainda precisa do pensamento concreto para evoluir em suas representações.

Seguindo no entendimento, ainda que simplificado neste trabalho, pois não é o nosso foco de reflexão, Ferracioli (1999) apresenta o último estágio que chega junto com a adolescência, momento em que se “alcança a independência do real, surgindo o período das operações formais” (FERRACIOLI, 1999, p. 9). A partir desse estágio, o raciocínio já não precisa se basear no objeto concreto ou em realidades observáveis,

mas passa a ser possível elaborar hipóteses, construindo reflexões e teorias. O pensamento torna-se hipotético-dedutivo.

Compreender os estágios de desenvolvimento infantil segundo Piaget é fundamental para darmos continuidade na compreensão da importância da linguagem do educador, porém, necessário, também, compreendermos como se dá o desenvolvimento moral da criança, pois este desenvolvimento é totalmente afetado pela forma como os adultos estabelecem relações com elas.

2.2 O desenvolvimento moral da criança

Para falar sobre o desenvolvimento moral, inicialmente precisamos compreender o que é moral. Segundo Piaget, (1977, p.11) “Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras”. Visto isso, podemos entender como moral o conjunto de regras e princípios que orientam nossas ações, são deveres e obrigações que ditam como devemos agir ao interagir com o meio.

Para Piaget, o indivíduo desenvolve-se moralmente através de suas interações com diversos ambientes sociais desde o momento em que nasce, e segue neste processo de desenvolvimento contínuo. Um bebê, quando nasce, está na fase da anomia (a – negação; nomia – regra, lei). Nesta fase nenhuma regra se aplica, seja intelectual ou afetiva. O indivíduo pratica ações que realizem suas vontades e necessidades, sem ter a capacidade de compreender que aquilo pode ser errado ou não. Segundo Vinha; Tognetta (2009, p. 528) “o bebê não sabe o que deve ou não ser feito, muito menos as regras da sociedade em que vive”.

Próximo aos três anos de idade, a criança entra na fase da heteronomia, quando começa a compreender que existem regras e deve segui-las mesmo sem saber o porquê.

Na heteronomia, a criança já sabe que há coisas certas e erradas, mas são os adultos que as definem, isto é, as regras emanam dos mais velhos. Ela é naturalmente governada pelos outros e considera que o certo é obedecer às ordens das pessoas que são autoridade (os pais, professor ou outro adulto qualquer que respeite) (VINHA; TOGNETTA, 2009, p.528).

A criança nesta fase já tem a capacidade de internalizar as regras sem questioná-las. Submete-se às ordens a ela impostas e compreende

quando adultos aprovam ou não suas ações. É um respeito unilateral, onde ela fica em condição de obediência.

A autora afirma, ainda, que a moralidade supõe intenção, assim, nosso comportamento precisa ser avaliado para que possamos ter a oportunidade de compreender a natureza de nossas ações, podendo, assim, modificá-las sempre que for necessário. Vinha (1997) afirma que

Segundo Piaget, “toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras (1932/1977, p. 11). Essa afirmação de Piaget é fundamental e bastante complexa, sendo necessário analisá-la com cuidado para realmente compreendermos o significado que o autor atribui a moralidade. Cotidianamente, consideramos “boa”, “justa” ou “correta” aquela pessoa que segue alguns valores ou princípios como por exemplo: ser honesto, ser leal, compartilhar, falar a verdade, ajudar ao próximo, ser responsável etc. para Piaget, o mais importante não é possuir esse ou aquele valor moral, mas sim, o motivo pelo qual aceitamos ou seguimos esses valores (VINHA, 1997, p. 38).

Vinha (1997) questiona, a partir dos conceitos desenvolvidos por Piaget, como então o ser humano desenvolve essa moralidade, já que para o autor a motivação do ato é muito mais importante do que o ato em si?

[...] assim como o desenvolvimento da inteligência, o desenvolvimento moral também é um processo de construção interior (lembrar que inteligência para Piaget, são estruturas específicas para conhecer, é a forma e não o conteúdo que importa). O conhecimento não é adquirido por absorção ou acumulação de informações provenientes do mundo exterior, mas por um processo de construção. Para ele as regras externas tornam-se próprias da criança somente se ela as constrói por sua livre vontade. Não adianta tentarmos ensinar a moralidade, pois ela é construída a partir da interação do sujeito com o meio em que vive (VINHA, 1997, p. 41).

Dessa forma, entendemos que não basta apenas o esforço do sujeito, ou as possibilidades do meio para que a moralidade seja desenvolvida no sujeito, mas este desenvolvimento se dará a partir da interação do indivíduo com o meio em que vive, com as pessoas que compõem este meio.

Mas como se desenvolve essa moralidade segundo Piaget?

Para Piaget (1967), o objetivo principal é o de formar personalidades autônomas e aptas a cooperar. Quando o autor refere-se à cooperação, não significa uma conduta exterior, como por exemplo, por solicitação externa, por obediência. Refere-se a uma cooperação voluntária, espontânea, que emerge da necessidade interior e do desejo de cooperar (VINHA, 1997, p. 48).

Para tanto, é necessário que a pessoa desenvolva dois aspectos fundamentais: autonomia e reciprocidade. A construção desses aspectos vai depender totalmente

do meio em que a criança está inserida tanto familiar, como na escola e outros locais onde convive e interage.

Nesses ambientes, alguns sentimentos serão fundamentais para este desenvolvimento, como o amor e o respeito. Entretanto, o que muito se vê, são as relações das crianças com os adultos ser permeada mais pelo medo do que pelo respeito.

Nessa direção, a partir de regras construídas nesses ambientes de convivência e que devem ser respeitadas por todos, se a criança conseguiu desenvolver o respeito pelo adulto que propõe a regra, ela entenderá sua importância. A criança possui um respeito inicial pelo adulto baseado em sua ação de submissão e obediência ao adulto, este é o respeito unilateral (VINHA, 1997). Unilateral porque, por mais que o adulto respeite a criança, será diferente, a criança “deve” obediência ao adulto e o contrário não ocorre.

O respeito unilateral é, segundo Piaget, “um instrumento de submissão a regras pré-estabelecidas, e as regras cuja origem permanece exterior ao sujeito que as aceita” (Piaget, 1948/1973, p. 75). Essa forma de respeito de apenas uma das partes, isso é, da criança pelo adulto, é, antes de mais nada, fator de heteronomia. É importante ressaltar que esse temor que a criança sente naturalmente, procedente do respeito unilateral, é resultante de uma relação desigual, havendo da parte “mais fraca” o medo de receber uma punição, censura, desaprovação, perda do amor do adulto etc. (VINHA, 1997, p. 53).

A autora nos explica que a heteronomia é a moral da obediência às pessoas que possuem uma relação de afeto com a criança, ou não. O adulto reforça essa moral quando se utiliza de ameaças, punições para se relacionar com a criança, para conseguir os comportamentos desejáveis com ela, porém, segundo Vinha (1997), agindo assim, o adulto não auxilia a criança a desenvolver sua autonomia moral. Para que ela avance nesse desenvolvimento é necessário que seja construída uma relação de respeito mútuo, para se crie o sentimento de reciprocidade.

Com o respeito mútuo, aos poucos, a criança vai substituindo suas relações embasadas unicamente na obediência, passando a fundamentá-las também na reciprocidade. Esse respeito é considerado por Piaget como a segunda possibilidade de socialização. Da mesma forma que a heteronomia é característica do respeito unilateral, o respeito mútuo leva à moral autônoma. A partir dos 7, 8 anos de idade, ao tornar-se operativa, a criança já possui as condições intelectuais de tornar-se autônoma, não mais legitimando uma regra pela simples autoridade em si, passando a entendê-la como um contrato entre os iguais. Ou seja, antes o adulto era visto como alguém superior às regras, portanto, não precisava cumpri-las e a justiça, ou o que era considerado certo ou errado, procedia dele; com o respeito mútuo, o outro passa a ter os mesmos direitos e deveres que a criança, a regra e a justiça passam a ser as mesmas para ambos. Assim, segundo Piaget (1948/1973) a

ação das pessoas é orientada pela legitimidade de fato ou de direito, suplantando a autoridade (VINHA, 1997, p. 57).

Vinha (1997) explica, então, que para Piaget há duas morais: a heterônoma, resultante das relações de respeito unilateral e a autônoma que se dá a partir de relações desenvolvidas a partir do respeito mútuo.

Em certo momento de sua vida, a criança entende e legitima as regras por si só. Não é mais necessário que sejam impostas a ela, a autonomia e consciência moral foi atingida. Nesta fase a criança adquire a ciência de que suas ações têm consequências, sejam elas boas ou ruins.

É importante não confundir autonomia com individualismo ou liberdade para fazer o que bem entende, pois na autonomia é preciso coordenar os diferentes fatores relevantes para decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos, levando em consideração ao tomar decisões o princípio da equidade, ou seja, as diferenças, os direitos, os sentimentos, as perspectivas de si e as dos outros. O indivíduo que é autônomo segue regras morais que emergem dos sentimentos internos que o obrigam a considerar os outros além de si, havendo a reciprocidade (VINHA; TOGNETTA, 2009, p.528-529).

A autonomia, é válido ressaltar, que independe de idade. Alguns adultos não atingiram a autonomia mesmo depois de anos de vida. O desenvolvimento moral depende das experiências vivenciadas e relações interpessoais do indivíduo. Um ambiente de respeito mútuo, com princípios éticos, democrático, cooperativo, irá contribuir para o desenvolvimento moral do ser.

[...] o desenvolvimento moral está relacionado à qualidade das relações que se apresentam nos ambientes sociais nos quais a criança interage e, obviamente, essas relações não ocorrem apenas na família. Aliás, é preciso que a criança possa ter experiências de vida social para aprender a viver em grupo e a escola é um local muito apropriado para essa vivência. (VINHA; TOGNETTA, 2009, p.529).

E por que desenvolver a moralidade autônoma é tão importante? Porque o ser humano que se desenvolve nessa perspectiva é capaz de fazer suas próprias escolhas, baseado nos princípios de vida que o regem. Cabe aos adultos que convivem com as crianças que estão em fase de desenvolvimento, criarem condições para que possam se desenvolver nessa moral e com princípios como respeito, verdade, justiça, solidariedade.

Claro que isso não faz em pouco tempo, é um processo. E é um processo que não se alcança com ensinamentos teóricos ou transmitidos do adulto para a criança,

mas com ações coerentes, com a vivência de um ambiente moral que seja baseado no respeito mútuo e na reciprocidade.

3 OS IMPACTOS DA LINGUAGEM DO PROFESSOR NA VIDA DA CRIANÇA

No Brasil, a história da educação infantil é marcada por uma visão assistencialista em que a criança era vista como um adulto que ainda não cresceu, no entanto, com o passar do tempo, essa visão foi mudando e a criança passou a ser vista com alguém que necessita ser estimulada para que tenha um bom desenvolvimento e cresça emocionalmente, mentalmente e fisicamente saudável.

Entretanto, mesmo com essa mudança na maneira de perceber o desenvolvimento infantil, esta etapa do ensino ainda era vista como sendo algo assistencialista voltada ao cuidar da criança enquanto os pais, principalmente, as mães, saíam para trabalhar, sendo este o foco das escolas e creches que atendiam a essa demanda.

Como já mencionado, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e se estrutura de forma a auxiliar no desenvolvimento global da criança, sendo que a escola então, se torna o lugar onde as interações são construídas, de forma a serem trabalhados diversos aspectos de seu desenvolvimento. Nessa direção, fica claro para nós que a relação entre professor e aluno necessita ser constituída em um ambiente de compreensão e empatia. Para Vinha (2000), um estudante para ser compreendido dentro da sala de aula pelo seu educador, necessita de uma reação construtiva do docente para o discente, buscando dar-lhe atenção e incentivá-lo nas atividades propostas.

O educador precisa considerar que, muito mais importante do que o resultado ou êxito da tarefa, é o processo, a participação da criança, a tentativa de realizá-la, e isto que deve ser valorizado. Uma reação construtiva por parte do educador é dar-lhe atenção e incentivo quando a criança tenta realizá-las, ou seja, durante o processo (VINHA, 2000, p. 6).

Vinha (2000) explica que “a criança pequena é incapaz de perceber o ponto de vista do adulto, porém, este consegue colocar-se no lugar da criança”. Com isto, percebemos que o papel do educador é buscar ir além dos sentimentos da criança, é compreender e saber se colocar no lugar desta, pois elas não possuem maturação para desenvolver este papel, então, cabe ao professor ter esta atitude, que influencia positivamente o desenvolvimento do aluno e a sua própria profissionalização.

Notam-se determinados comportamentos dos professores em relação aos alunos, que necessitam ser ajustados dentro de sua prática. No dia a dia da sala de aula é comum observar professores se alterando com os alunos em virtude de suas

ações, por vezes vistas como indisciplina por parte da maioria dos educadores. Essa alteração se dá em gestos, expressões, mas, especialmente por meio da linguagem incisiva, vigorosa.

[...] Disciplina é um termo polissêmico, mas a tendência mais usual entre os professores é considerar disciplina como sinônimo de obediência e submissão e, logo, a indisciplina se traduz em qualquer comportamento inadequado, desacato, rebeldia, intransigência, questionamentos fora de hora, discordância, conversa, desatenção, bagunça, movimentação. Os atos indisciplinados estão comumente ligados a um confronto com uma figura de autoridade ou com a própria Instituição (escola); ou seja, alunos x escola/professor (RAMOS; VINHA, 2014, p. 213).

Diante desta situação, mais uma vez, se faz necessário reforçar que através de uma linguagem negativa e intransigente gera-se a sensação no educando de que este não é compreendido, tampouco valorizado. Este desencontro agrava ainda mais a relação docente x discente. É justamente na linguagem livre de julgamentos, que esta relação pode se converter em um entendimento entre ambos.

[...] A pessoa que foi alvo de muitas críticas desenvolve uma autoestima negativa, sentindo-se desvalorizada. A criança é heterônoma e leva muito a sério aquilo que o adulto lhe diz. Assim, ela pode realmente acreditar naquilo que ele está dizendo e sentir-se e agir ou agir como tal. Um garoto sabiamente afirmou: "Meu amigo e eu nos chamamos de burro o tempo todo, mas isso é só uma brincadeira. Mas quando o pai ou a mãe da gente chama a gente de burro - ou então a professora - aí a gente acha que é verdade, porque eles devem saber" (FABER; MAZLISH, 1985 apud VINHA 2000).

Saber se comunicar e se expressar diariamente é desafiador. Por muitas vezes quando conversamos com outra pessoa temos dificuldade para fazer com que o outro entenda o que estamos dizendo. Para uma criança, uma palavra mal interpretada pode refletir de forma que afetará toda sua vida.

Uma coisa é o que se está querendo dizer, e outra é o que o receptor compreende. São dois elementos distintos. A maneira como nos dirigimos às pessoas causa impressões em suas emoções, e faz diferença em seus sentimentos (VINHA, 2000, p.279).

No ambiente escolar ocorre exatamente isto. A linguagem utilizada pelo professor afeta diretamente a vida das crianças, portanto é necessário saber se comunicar de forma que não as prejudique, mas auxilie em seu desenvolvimento moral e ético.

3.1 A Linguagem do professor na sala de aula

A escola é um ambiente cercado por interações. Estas ocorrem entre crianças, professores, crianças x professores, entre outras. As interações entre os seres inseridos naquele meio auxiliam no desenvolvimento moral do mesmo, já que a moralidade não deve ser ensinada, mas construída pelo próprio sujeito a partir das interações sociais (VINHA, 2000). As experiências vividas pela criança na escola são fundamentais na construção de seu desenvolvimento moral e a linguagem utilizada pelo professor pode influenciar de maneira positiva ou negativa na vida dela.

Como já mencionado, a linguagem utilizada pelo professor nesta etapa da educação também deve ser levada em consideração pelos educadores, uma vez que a sala de aula é um local onde tudo acontece de forma muito rápida e intensa, então, há a necessidade de uma boa comunicação entre os pares para que haja boa convivência entre os que ali estão presentes. Segundo Vinha (2000).

A organização de um ambiente sociomoral cooperativo e a utilização de uma comunicação efetiva favorecem, a longo prazo, a construção pela criança de uma autoconfiança (confiar em sua capacidade), de uma auto-imagem (visão de si) e de uma auto-estima (gostar-de-si) realista e positiva. Esses três aspectos são fundamentais para o bem-estar e a felicidade de uma pessoa (VINHA, 2000, p.309).

Na educação infantil, o professor se dirige ao aluno por meio da linguagem informal, ou seja, uma linguagem apropriada para que haja boa compreensão por parte do aluno, sem que existam prejuízos nesta compreensão.

Sabe-se que o trabalho docente não envolve somente a transmissão de conteúdo. Ao receber os alunos no início do período de aula, ele está recebendo pessoas com sentimentos e emoções que precisam ser trabalhados ao longo do dia, pois tais sentimentos irão influir no seu desenvolvimento e na realização das atividades propostas.

Então, cabe ao professor, como sendo o condutor das relações e do diálogo na sala de aula, utilizar a linguagem a seu favor, pois é a comunicação que irá ter um papel de destaque nas relações interativas no contexto escolar por meio da comunicação verbal e não verbal.

O professor chega até os seus alunos por meio da linguagem, assim, esta assume um papel de grande relevância na sala de aula durante o processo de escolarização da criança, pois a partir dela, são feitos acordos bilaterais entre

professores e alunos além disso, facilita o entendimento dos conteúdos trabalhados na sala de aula.

Se o professor utiliza uma linguagem mais próxima a do aluno, mais facilmente este irá compreender seus comandos e melhor rendimento terá a aula, pois é por meio da linguagem que a comunicação acontece entre os pares educativos na sala de aula.

A linguagem na sala de aula, porém, não pode ser vista apenas como um veículo de transmissão de conteúdo ou para fins escolares, ela é também um meio de interação social, em que alunos e professores expressam suas ideias, anseios, compreensões, dúvidas, angústias, alegrias e outros, de forma que é por meio dela que há o enriquecimento das relações existentes no âmbito escolar.

A troca de experiências entre as crianças com os diferentes interlocutores, mediada e assistida nas situações dialógicas, propicia o acesso destes ao conhecimento e permite às crianças e aos jovens o constante uso do idioma da comunidade em que vive. Quanto mais a criança participa das situações dialógicas, mais ela compartilha experiências em relação ao seu idioma e suas regras: semântica, fonológica, sintática, morfológica e pragmática (DELIBERATO, 2017, p. 26).

Assim, se pressupõe que a linguagem acompanha o aprendizado, por meio de interações que acontecem no meio de convívio escolar. É a linguagem usada que faz com que o aluno busque a interação social e faz que se abram para novos conhecimentos e novas descobertas. É na escola que a criança irá perceber que poderá atentar-se para o uso de várias formas de linguagem, seja ela escrita, falada ou mesmo simbólica, mesmo que já tenha tido contato com essas formas de linguagem em outros momentos de sua breve vida.

Mesmo utilizando uma linguagem informal na sala de aula, a linguagem utilizada pelo professor é mediada, atrelada a sentidos educativos, sistematizada e intencionalizada, ou seja, a linguagem do professor é um meio de intervenção na relação professor e aluno, que visa articular meios a fim de promover a aprendizagem (LIBÂNEO, 2009, p. 19).

Oliveira (1995) destaca que a linguagem funciona por meio de elementos que são os signos e os instrumentos que mediam a ação proposta na sala de aula e influem no pensamento e entende que essa construção da linguagem é uma construção conjunta e que ocorre durante as intervenções quando ambas as partes atuam de maneira simbólica.

Assim sendo, compreende-se que na sala de aula é necessária a utilização de uma linguagem direta, clara e compreensível ao aluno, uma linguagem assertiva. Esta linguagem deve estar presente em diferentes modos de representação, tanto na forma escrita quanto na falada.

A dialogicidade existente na sala de aula em que todos podem aprender é o meio em que as relações vão se estreitando, pois ela irá partir de uma linguagem cotidiana, e então ocorre a interação em que o professor dialoga, questiona e ouve os alunos e ao mesmo tempo os alunos terão a oportunidade de expressar-se e de argumentar, expondo sentimentos e desejos e assim, o professor poderá aproximar-se mais dos estudantes e auxiliá-los na compreensão de mundo.

Desta maneira, a linguagem não será apenas um instrumento didático e pedagógico, mas será também um meio de aproximação ou de afastamento do estudante com o mundo escolar. Pois as palavras proferidas pelo professor irão de alguma forma impactar o seu prazer ou desprazer pelas vivências escolares, por isso é importante que o docente tenha conhecimento que suas ações terão efeitos na vida dos alunos e esses efeitos irão acompanhar a criança ao longo de sua existência.

4 METODOLOGIA

O estudo em questão foi levantado a partir de uma abordagem qualitativa com levantamentos bibliográfico, análise de artigos, dissertações e livros que abordam o tema apresentado e objetivando uma melhor sistematização de toda produção científica disponível acerca do assunto, pois “as pesquisas devem contribuir para a formação de uma consciência crítica ou um espírito científico do pesquisador [...]” (PRODANOVI & FREITAS, 2013, p. 44).

A pesquisa de abordagem qualitativa é descritiva, segundo Bogdan (1991, p. 48): “[...] os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação[...]”. Assim sendo, os investigadores, dentro da perspectiva qualitativa, recolhem dados descritivos e analisam minuciosamente cada detalhe para que nada passe despercebido.

[...] a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

O método qualitativo também evidencia uma situação rica em dados descritivos, visando desenvolver uma subjetividade trazendo uma visão observadora do autor, que é influenciado pelos textos lidos e por suas crenças e valores de forma que este deve delimitar a seu objeto de estudo para que mantenha o foco, proporcionando maior qualidade aos dados obtidos para que não haja excesso de informação.

Pádua (1998) compreende que quando se quer apreender a dinâmica de um processo, a abordagem qualitativa é indicada, pois ela se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais, considerando as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais.

Minayo (2010) aponta que o método qualitativo compreende: [...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais

sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (MINAYO, 2010, p. 57).

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica. A partir deste tipo de pesquisa é possível explorar um leque maior de fenômenos.

Conforme Gil (2008)

[...] A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, p. 50, 2008).

Para a elaboração deste estudo realizamos uma consulta bibliográfica de diversos artigos científicos e livros acerca do tema em bibliotecas, e sites governamentais. As palavras-chaves utilizadas na busca da plataforma CAPES foram: “linguagem do professor” e “linguagem criança”.

Quadro 1- Trabalhos acadêmicos levantados a partir da pesquisa.

Autor	Ano	Título	Natureza
Adriana Ramos; Lucilene Tognetta; Telma P. Vinha.	2014.	Relações interpessoais na escola e desenvolvimento moral: proposta de diagnóstico e de intervenções em uma classe considerada “difícil”.	Artigo.
Adriano Moro; Cesar Augusto Amaral Nunes; Flávia Maria dos Campos Vivaldi; Livia Maria F. da	2017.	Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática.	Livro.

Silva; Telma P. Vinha.			
Beatriz Gracioli Andrade, Gabriela Caldeira Aranha, Mariana Guimarães Wrege, Nicole Stephania Strohmayr Lourencetti.	2014.	A linguagem do educador e a autonomia moral.	Artigo.
Betty Zan; Rheta De Vries.	1998.	A ética na educação infantil – O ambiente sócio-moral na escola.	Livro.
Fabiana castelo branco de Santana.	2010.	A moralidade infantil na escola: uma discussão curricular na educação infantil da rede pública municipal de feira de Santana.	Artigo.
Josep Maria Puig; Ulisses F. Araújo.	2007.	Educação e valores: pontos e contrapontos.	Livro.
Josep Maria Puig; Xus Martín Garcia.	2010.	As sete competências básicas para se educar em valores.	Livro.
Laércio Ferracioli.	1999.	Aspectos da construção do conhecimento e da	Artigo.

		aprendizagem na obra de Piaget.	
Maria Suzana De Stefano Menin.	1996.	Desenvolvimento moral: Refletindo com pais e professores.	Livro.
Telma P. Vinha.	2000.	O educador e a moralidade infantil: Uma visão construtivista.	Livro.
Telma P. Vinha.	1997.	O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista.	Tese.
Telma P. Vinha; Lucilene Tognetta.	2009.	Construindo a autonomia moral na escola: Os conflitos interpessoais e aprendizagem dos valores.	Artigo.

Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado da busca, apresentado, foi utilizado nas nossas análises para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado, especialmente o de compreender a interferência da linguagem do educador no desenvolvimento da criança da educação infantil.

Para esta análise foi utilizada a “Análise de Conteúdos”, usando como referência Bardin que nos explica que

[...] A análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares (BARDIN, 1977, p.49).

Assim, este trabalho não foi baseado somente nas teorias de um único autor, vários autores fizeram parte desta pesquisa de acordo com as áreas de estudo de

cada um, dentre os autores pesquisados, pode-se destacar RAMOS; VINHA (2014); VINHA (2000); FERRACIOLI (1999); PIAGET (1967), dentre outros que também apresentam estudos importantes para este trabalho.

No Quadro 2 estão dispostos os artigos os quais os resultados foram analisados a fim de responder os objetivos dessa pesquisa bem como um breve resumo sobre o assunto tratados nestes.

Quadro 2 – Artigos analisados para realização do trabalho.

Autor	Título	Ano	Assunto
Mariana Guimarães Wrege; Beatriz Gracioli Andrade; Gabriela Caldeira Aranha; Nicole Stephania Strohmayr Lourencetti.	A linguagem do educador e a autonomia moral.	2014.	O artigo discute como a linguagem do educador pode tanto contribuir como prejudicar o desenvolvimento moral da criança. Afirma também que a linguagem descritiva favorece a autonomia, a tomada de consciência das próprias ações, o desenvolvimento do autoconhecimento, a melhora da autoestima e das relações interpessoais.
Adriana Ramos, Telma Vinha, Luciene Tognetta.	Relações interpessoais na escola e desenvolvimento moral: proposta de diagnóstico e de intervenções em uma classe considerada “difícil”.	2014.	Pesquisa realizada com o objetivo de entender as relações interpessoais em salas de aula consideradas “difíceis” de trabalhar, onde não existe respeito às regras,

			cooperação e respeito mútuo.
Fabiana Castelo Branco de Santana.	A moralidade infantil na escola: uma discussão curricular na educação infantil da rede pública municipal de feira de Santana.	2020.	Pesquisa-ação realizada com o objetivo de discutir a importância de a formação moral ser acrescentada no currículo da Educação Infantil com o intuito de contribuir para a formação integral da criança.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da leitura dos artigos apontados e dos objetivos de compreender a linguagem do educador que influencia no desenvolvimento social e moral da criança; caracterizar os elementos negativos e positivos em seu discurso para o desenvolvimento do educando; e verificar formas de utilizar a linguagem para construir uma relação de respeito, valorização e confiança entre docente e discente, foi possível delinear duas categorias de análise: “O impacto da linguagem do professor na vida da criança”; e “A construção de uma linguagem assertiva por parte do professor que englobe o respeito, a confiança e a valorização na relação professor-aluno”.

5 ANÁLISE DE DADOS

O interesse no tema deste trabalho advém do sentimento de uma educação infantil edificante e significativa. Analisando alguns artigos pude me aprofundar e compreender melhor a importância do papel do professor no desenvolvimento moral da criança e como a linguagem utilizada pode afetá-la positivamente ou não.

No artigo “Relações interpessoais e desenvolvimento moral: proposta de diagnóstico e de intervenções em uma classe considerada ‘difícil’” de Ramos; Vinha e Tognetta (2014) foi exposto um trabalho realizado em uma escola onde a maior parte dos profissionais que ali trabalhavam relataram a dificuldade em se relacionar com os alunos, visto por eles como indisciplinados. Indisciplina, no caso, foi empregada pensando em desrespeito, o que é um equívoco, afinal as duas palavras possuem conceitos divergentes.

O trabalho executado foi uma pesquisa-ação realizada com uma sala de aula de uma escola particular, e participaram da pesquisa todos os alunos da turma, os professores, a coordenadora e a assistente de coordenação. Foram realizadas, a princípio, sessões de observação na sala de aula enfocando as relações interpessoais entre alunos e professores e entre os próprios alunos. Todos os participantes também responderam um questionário que pretendia investigar as relações interpessoais que ocorriam no ambiente escolar. Diversos conflitos foram notados e registrados em um protocolo específico da pesquisa, para que posteriormente fosse realizada uma intervenção.

Três tipos de intervenções foram realizadas: Primeiramente, foi oferecido aos alunos uma aula semanal com atividades e procedimento de educação moral, e depois, percebendo as necessidades do grupo, foi organizada uma assembleia como espaço de diálogo a fim de melhorar o convívio entre todos que frequentam este mesmo espaço. Aos professores e equipe pedagógica, a intervenção realizada foi a implementação de reuniões e grupos de estudos, com intuito de estudar aspectos do desenvolvimento e discutir assuntos referentes à classe. Por fim, foi implementada também a supervisão pedagógica. A intenção da supervisão pedagógica era observar as aulas e, posteriormente, auxiliar o professor com as dificuldades, trocar perspectivas.

Após as observações e intervenções, pode-se notar um ambiente escolar de maior cooperação, solidariedade e respeito mútuo, com relações interpessoais mais dignificantes.

O segundo artigo estudado foi “A moralidade infantil na escola: Uma discussão curricular na educação infantil da rede pública municipal de feira de Santana”, (SANTANA, 2020); e como o primeiro artigo apresentado, também foi realizada uma pesquisa-ação. O intuito desta pesquisa foi debater e refletir sobre a importância de acatar a formação moral como parte integrante do currículo escolar na educação infantil.

O artigo salienta que a etapa de educação infantil é um momento de desenvolvimento significativo da vida da criança. É nesta etapa que se inicia o convívio social e as relações interpessoais com pessoas que não são seus familiares, e ela começará a refletir sobre suas ações e o comportamento dos indivíduos que a cercam. É uma excelente oportunidade para se desenvolver moralmente e se aproximar da autonomia.

Foi realizada uma pesquisa por meio de aplicação de formulários com 80 professores de rede pública, e a maioria das professoras afirmaram considerar a escola conveniente para o desenvolvimento moral da criança por ser um meio desafiador onde se deparam com conflitos intrapessoais. No entanto, algumas professoras se expressaram contrariamente. Pensavam que a educação moral seria responsabilidade exclusiva da família, porém como algumas não o cumpriam integralmente, a escola teria que auxiliar neste trabalho.

Na pesquisa realizada, foi questionado também às professoras se elas consideravam sua sala de aula um ambiente cooperativo, e a grande maioria respondeu positivamente. Ficou evidente que, para alguns participantes, o conceito de cooperatividade não estava claro.

Apesar de a minoria considerar a educação moral dispensável para o currículo da educação infantil, através da pesquisa realizada com 80 professoras de escola da rede pública, observou-se a necessidade de uma formação sobre o tema “moralidade infantil” para suplementação dos conhecimentos pré-existentes.

O terceiro artigo analisado foi “A linguagem do educador e a autonomia moral”, (WREGGE et al, 2014) com o objetivo de discutir como a linguagem utilizada pelo educador influencia na construção da autonomia moral do aluno. O artigo discorre

sobre o desenvolvimento da moralidade, transcorrendo pelos conceitos da anomia, heteronomia e autonomia.

O trabalho salienta como ter uma boa comunicação entre professor e aluno é importante para a formação moral da criança. As palavras do educador possuem grande influência na vida do aluno, e essa influência pode ser positiva ou negativa.

O artigo afirma que a linguagem do educador precisa eficiente, clara, precisa, mas de uma maneira que não prejudique, e sim contribua para seu desenvolvimento moral. Assim, é necessário que o professor esteja atento no momento de falar e opte por uma linguagem descritiva.

5.1 O impacto da linguagem do professor na vida da criança

A linguagem do educador em sala de aula possui grande relevância durante o desenvolvimento da criança, pois é a partir dela que ocorrerá uma comunicação efetiva na sala de aula e criará um ambiente cooperativo e ético.

No momento que a criança age de forma inadequada, contrário às regras, por costume, pode haver críticas ou uma censura como forma de repreensão. No entanto, o caminho ideal seria explicar de forma clara, direta e descritiva o que precisa ser melhorado, sem emitir julgamentos.

Quando o professor quer corrigir um comportamento do aluno, é comum criticá-lo, emitindo julgamentos de valor. Já na linguagem descritiva, o professor deve descrever o que está correto e o que ainda falta ser feito. É preciso começar reconhecendo o que a criança já realizou de positivo. Isso contribui para a autoestima do aluno e o motiva para o próximo passo: modificar o que não está bom (WREGE et al., 2014, p.126).

Utilizar uma linguagem adequada, sem julgamentos e chantagens emocionais edifica o indivíduo, ele se sente compreendido. Conforme Wrege et al. (2014, p. 125), “ao ter seus sentimentos identificados e respeitados, a criança consegue lidar melhor com eles e pensar com mais clareza em como resolver seus problemas.”

O fato de o educador utilizar um tipo de linguagem adequado para abordar seus alunos influencia diretamente no desenvolvimento moral deles. Cria um ambiente cooperativo em que as crianças se sentem valorizadas, respeitadas, constroem relações cooperativas e de solidariedade entre todos que participam deste espaço, podendo, assim, desenvolver sua autonomia moral.

5.2 A construção de uma linguagem assertiva por parte do professor que englobe o respeito, a confiança e valorização na relação professor-aluno

Para criar uma relação saudável entre professor e aluno é necessário existir uma boa comunicação entre eles. Na linguagem descritiva existem duas vertentes que podem auxiliar nessa comunicação: A escuta ativa e a Mensagem eu.

Na escuta ativa, o educador não apenas ouve, mas também comunica a quem fala que ele realmente o escutou e que compreendeu o que foi dito. Para isso o adulto repete a essência do que foi dito pela criança, sempre utilizando a linguagem descritiva, procurando “traduzir” e clarear seus sentimentos, estimulando-a a continuar falando ou a encontrar uma solução. Essa técnica faz com que a criança reconheça seus sentimentos, perceba que eles são considerados, que são importantes (VINHA, 2000, p. 288).

Conforme Wrege et al. (2014, p. 125) “[...] sem se utilizar de censuras, julgamentos ou críticas, o educador valoriza a fala da criança e acolhe seus sentimentos, mostrando que esses são aceitáveis [...]” Quando a criança se sente respeitada pelo adulto, ela lida melhor com seus sentimentos e consegue pensar direito em como resolverá seu conflito.

Por sua vez, no Mensagem eu, o adulto descreve à criança seu problema, sem esconder os sentimentos, mas sem agredir, de maneira clara e direta para que ela compreenda e entenda rapidamente seu erro.

Utilizando o tipo de linguagem adequado, o educador auxilia no desenvolvimento da autonomia da criança. De acordo Santana (2020, p.5) o desenvolvimento moral está relacionado à qualidade das relações que se apresentam nos ambientes sociais nos quais as crianças interagem.

Importante salientar que a criança compreende o mundo de forma diferente da do adulto e nem sempre a linguagem do adulto é clara o suficiente para a criança, aí a importância da assertividade

A criança pequena é ainda incapaz de perceber o ponto de vista do adulto, porém, este consegue colocar-se no lugar da criança. É importante, antes de tomar qualquer atitude, procurar sempre tentar ver a partir da perspectiva dela para poder compreender suas ações e ideias (VINHA, 2000, p. 297).

Nessa direção, fundamental que o professor reduza suas ordens, reveja a forma como utiliza as palavras, lembrando que as crianças, nessa faixa etária, são bastante literais, além de entender que a forma como se dirige à criança vai determinar muitas questões na vida dela, como o grau de desenvolvimento moral que atingirá no decorrer de sua trajetória. Claro que não é só a escola que tem essa responsabilidade,

mas a criança passa bom tempo de sua vida na escola e este, é um espaço privilegiado de construção não só da inteligência, mas da moralidade, além dos aspectos emocionais.

Vinha (2000) apresenta várias ações do professor que podem ser adequadas à forma como a criança entende o mundo. A autora diz que quando o professor ameaça, ordena, dirige, conduz, manda, adverte, como por exemplo: “eu já não mandei virem pra fila?”; ou “eu falei que podia pegar o livro agora?” ele está agindo exatamente dessa forma, ordenando, ou seja, emitindo mensagens de solução que, segundo a autora, não auxiliam nem na construção cognitiva dele, nem moral. Outro tipo de mensagem que prejudica esse desenvolvimento é a que gera humilhação à criança como quando o professor julga, critica, censura, intimida, culpa, ridiculariza, envergonha.

Mas é possível utilizar outro tipo de linguagem com crianças sem tornar o ambiente da escola permissivo e indisciplinado? Segundo Vinha (2000), sim.

É fundamental utilizar uma linguagem que contribua para o desenvolvimento moral e ético da criança, por isso é importante e professor estar sempre atento à forma como está se comunicando com seus alunos.

Para haver uma melhor comunicação, é preciso que aprendamos a utilizar a linguagem descritiva, que demonstra aquilo que vemos, sem apelar para os juízos de personalidade, e traduz os nossos legítimos sentimentos, sem nos valermos das chantagens emocionais. Atuando em direção contrária, se comparadas às mensagens acusatórias. Esse tipo de linguagem favorece a cooperação espontânea da pessoa e a compreensão de pontos de vista divergentes. Samalin (1995) considera importante que o adulto, antes de falar, se pergunte: “Minhas palavras vão provocar confronto ou cooperação?” “Quero estabelecer um limite firme aqui, ou isso é algo que não vale a pena lutar?” (VINHA, 2000, p. 268).

Nessa direção, ressaltamos que uma relação baseada no respeito mútuo, que valorize a criança como ser que pensa e que sente, como um ser único, que cuide da forma como o adulto se dirige à criança, que valorize uma linguagem assertiva, vai proporcionar um ambiente moral potente, além de transformar a sala de aula em um espaço totalmente favorável à aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia deste trabalho surgiu do sentimento de querer participar de uma educação infantil que proporcione impactos significativos na vida da criança. A partir de minhas experiências em estágios na educação infantil, trabalhando com todas as faixas etárias e etapas da educação básica, pude perceber como a forma que o professor se comunica com o aluno influencia em seu comportamento.

A partir dessas observações surgiram alguns questionamentos: A forma como o professor se comunica com a criança faz com que ela se sinta capaz, valorizada e respeitada? Como essa linguagem auxilia no desenvolvimento pleno da criança nesta fase de sua vida? O propósito deste estudo foi procurar compreender a linguagem do docente que influencia no desenvolvimento social e moral da criança na educação infantil. A partir dessa compreensão, caracterizar os elementos negativos e positivos em seu discurso para o desenvolvimento do educando; compreender por meio da linguagem do professor a influência e impacto que esta, sendo negativa ou positiva, tem na vida da criança; e verificar formas de utilizar a linguagem para construir uma relação de respeito, valorização e confiança entre docente e discente.

Assim, fui em busca de referenciais teóricos que pudessem me proporcionar um conhecimento aprofundado no tema, tais como pesquisas que analisassem essa questão da linguagem do educador e o desenvolvimento moral da criança.

O trabalho desenvolvido foi uma pesquisa bibliográfica, utilizando o método qualitativo. O estudo não foi baseado somente nas teorias de um único autor, vários autores fizeram parte desta pesquisa de acordo com as áreas de estudo de cada um. Podemos ressaltar RAMOS; VINHA (2014); VINHA (2000); FERRACIOLI (1999); PIAGET (1967), dentre outros autores pesquisados que também apresentam estudos importantes para este trabalho.

Alguns artigos também foram selecionados e, partindo da análise de conteúdo destes e dos objetivos de compreender a linguagem do educador que influencia no desenvolvimento social e moral da criança; caracterizar os elementos negativos e positivos em seu discurso para o desenvolvimento do educando; e verificar formas de utilizar a linguagem para construir uma relação de respeito, valorização e confiança entre docente e discente, pudemos compreender que a linguagem do educador

precisa eficiente, clara, precisa, mas de uma maneira que não prejudique, e sim contribua para seu desenvolvimento moral.

Uma relação baseada no respeito mútuo, que valorize a criança como ser que pensa e que sente, como um ser único, que cuide da forma como o adulto se dirige à criança, que valorize uma linguagem assertiva, vai proporcionar um ambiente moral potente, além de transformar a sala de aula em um espaço totalmente favorável à aprendizagem.

Utilizando o tipo de linguagem adequado, o educador irá auxiliar o desenvolvimento moral e pleno da criança, já que a boa comunicação está diretamente ligada à qualidade das relações que se apresentam nos ambientes sociais nos quais as crianças interagem. Assim, é necessário que o professor esteja atento no momento de falar e opte por uma linguagem assertiva.

REFERÊNCIAS

- ALCÁNTARA, J. A. **Como educar a autoestima**. Lisboa. Paralelo. 2000.
- ALVES, Ironete da Silva. **Motivação no contexto escolar**: novos olhares. Serra: Faculdade Capixaba da Serra, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Disponível em: serra.multivix.edu.br. Acesso em: 21 de março de 2021.
- ARAÚJO, U.; PUIG, J.M. **Educação e valores**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.
- BARRETO, A **Educar com valores inteligentes**. Madrid: Editorial CCS. 2015.
- BIKLEN, S. K.; BOGDAN, R.C. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição** da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e base da educação nacional**, Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. D.O.U de dezembro de 1996
- BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRAZ, Antônia. **A Importância da Autoestima no desenvolvimento e Aprendizado da Criança**. Publicado em: 05/12/2012. Disponível em: <http://www.antoniabraz.com.br/artigo.asp?id=17>. Acesso em: 30/03/21.
- CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. 8ª ed. São Paulo: Gente, 2001.
- DELIBERATO, Débora. **Linguagem, Interação e Comunicação**. In: NUNES, L. R. O. P., and SCHIRMER, C. R., orgs. Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 299-310. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/xns62/pdf/nunes-9788575114520-17.pdf>. Acesso em: 28/03/21.
- DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERRACIOLI, Laércio. **Aspectos da construção do conhecimento e da aprendizagem na obra de Piaget**. 1999. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1999.
- FORD, Judy. **Amar uma Criança**: dicas para expressar o afeto no cotidiano. São Paulo: Agora, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, X. M.; PUIG, J. M. **As sete competências básicas para se educar em valores**. São Paulo: Summus, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEBERT, Miriam Célia Castellain. **A identidade e autonomia em crianças de 0 a 5 anos**: Abordagem sistêmica. Curitiba: Pro-Infantil, 2008.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da Afetividade na Educação infantil**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2002. XX p. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2014.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. In: Psicologia e formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.113-141. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Sandra Vaz. **A importância da motivação no processo de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educação-artigos/a-importância-da-Motivação-no-processo-de-ensino-de-aprendizagem-341600.htm>> Acesso em: 08/04/21

LIMA, Welton. **Autoestima e Aprendizagem**. S/D. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABWtkAJ/autoestima-aprendizagem>>. Acesso em: 28/03/21.

LOURENÇO, Abílio Afonso; PAIVA, M.O.A. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Ciênc. cogn. vol.15 no.2 Rio de Janeiro ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200012>. Acesso em: 05/04/21

MENIN, M. S. S. **Desenvolvimento Moral: Refletindo com pais e professores**. In: MACEDO, L. (org.). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 37-104.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 2010.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade**. 2008. Disponível em:<<http://www.ieps.org.br/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>>. Acesso em: 04/04/21.

OLIVEIRA, Val. **O Papel Do Professor Diante Das Dificuldades de Aprendizagem**. Publicado em: 24/03/2011. Disponível em: <http://ensinandoparaviver.blogspot.com.br/2011/03/o-papel-do-professor-diante-das.html>. Acesso em: 27/03/21.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

QUINTANA, J.M. (2014). **Do sentimento de inferioridade à autoestima**. Madrid: Editorial CCS.

RAMOS, Adriana; VINHA, Telma; TOGNETTA, Luciene. **Relações interpessoais na escola e desenvolvimento moral: proposta de diagnóstico e de intervenções em uma classe considerada “difícil”**. Campinas, 2014.

SANTANA, F.C.B. **A moralidade infantil na escola**: uma discussão curricular na educação infantil da rede pública municipal de Feira de Santana. São Cristóvão, SE, 2020.

VINHA, T P. **O Educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

VINHA, T., NUNES, C. A. A., SILVA, L. M. F., VIVALDI, F. M. DOS C., MORO, A. **Da escola para a vida em sociedade**: o valor da convivência democrática. Americana: Adonis, 2017 (Coleção Valores Sociomorais: reflexões para a educação).

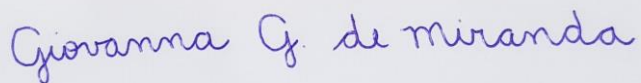
WEIZ, Cláudia Suéli, et.al. **Comunicação e Linguagem**. Indaial/ SC, Uniaselvi, 2018.



Profa. Dra. Maria Antônia Ramos de Azevedo
Professora orientadora



Profa. Dra. Ligia Bueno Zangali Carrasco
Professora Coorientadora



Giovana Guarache de Miranda
Orientanda